

UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA EM TORNO DA POESIA MARGINAL DE PAULO LEMINSKI.

Annie Tarsis Morais Figueiredo
Mylena de Lima Queiroz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

1. Introdução

Este texto surgiu da interface poesia e educação, e é nesta superfície de contato entre estas duas áreas, nos seus espaços de articulações que nós traçaremos algumas reflexões no intuito de conversar com os professores que querem adentrar ou já adentraram com a Literatura em sala de aula no ensino médio.

Tudo começa com o fato da literatura¹, que é arte, sofrer o processo de escolarização. A escola se apropriou e a tornou uma disciplina dentro da grade curricular, sendo ela no início apenas do meio elitista (ser bom leitor não era lugar acessível a muitos), aos poucos, acreditamos, esse fator foi colaborando ainda mais para a dessacralização da literatura. Aqui, dessacralização no sentido do ato de ler não ser mais apenas da classe dominante, havendo esta “disseminação” da literatura, da poesia, do livro que se tornam artefatos indispensáveis e próximos das pessoas.

As pessoas que são indiferentes atribuem a literatura apenas como reforço das habilidades linguísticas, esquecem a quantidade de coisas que ela proporciona. Poderíamos aqui elencar algumas das funções e benefícios que a literatura traz, como: concentração; familiaridade com o texto escrito, com a gramática, contato com a língua de forma espontânea; preparação para a sensibilidade verbal; experiências das vivências humanas através da reconfiguração do mundo real nas obras literárias; desperta o senso poético do aluno, sendo uma espécie de educação para o sentir; a poesia nos proporciona prazer, e esta é a função essencial da poesia, ler-se para passar o tempo, por diversão e entretenimento, pois a literatura cria mundos dentro do mundo e as pessoas tem a necessidade de fuga. Tamanha é a importância da leitura (aqui especificamente se tratando de textos literários), pois para ela se concretizar unem-se aspectos cognitivos, afetivos, estéticos e sociais, portanto a leitura ativa

¹ A palavra “literatura” com letras minúsculas ao longo do artigo representará a arte literária no geral, já a “Literatura” com maiúsculas a disciplina da grade curricular de Língua Portuguesa.

todos estes aspectos tornando quem lê mais sensível aos estímulos e impulsos das novas leituras e compreensão no/do dia-a-dia.

Uma das maiores dificuldades dos professores desta disciplina é não visualizar o ensino de literatura como prática significativa para o aluno, antes mesmo dos alunos o professor tem que ver o que a literatura faz na vida das pessoas. Outra dificuldade dos professores de Literatura é ter em mente a noção de que leitores nascem prontos, mas eles precisam começar engatinhando para assim andar livremente e com gosto pelas obras literárias. E o professor deve antes de tudo ser um bom leitor, pois como este irá passar alguma paixão por leitura, por livros e etc.? E, por exemplo, às vezes não basta escolher para seus alunos um autor adequado em muitos momentos há que se adequar ao autor escolhido, assim sendo, o professor deve ter uma boa bagagem de leitura, conhecer vários autores e obras de vários gêneros é essencial à prática da matéria em questão, pois como o professor fará indicações de leitura de acordo com a diversidade de estilos para os diversos gostos de seus alunos?

“‘leitor’ é utilizado como conceito que funda a análise, em particular, das condições de recepção de uma obra, na medida em que ela se inscreve no horizonte de expectativa de um leitorado: este julga uma produção nova com base em sua experiência estética anterior (Jauss, 1978), e dessa adequação ou desse deslocamento, nascem avaliação da obra.” (CHARAUDEAU, 2012, p.)

Normalmente a Literatura no Ensino Médio é tida como uma parte deslocada da Língua Portuguesa em que se é delimitado as escolas literárias e suas características, esta redução simplista da Literatura em história literária é recorrente das noções dadas pelos professores a esta matéria, é comum esta disciplina ser tratada como um saber desnecessário por não ser uma tarefa de caráter utilitarista no sentido de produzir algo concreto e lucrativo para a humanidade, no sentido mais marxista do termo. O que não é bem assim, pois sabemos que tudo possui uma função, a arte não é um objeto fechado nela mesma, há uma função social (como bem elencou T. S. Eliot)², há uma função emocional... E, no ensino médio ainda temos que arcar com as consequências causadas pela burocratização da leitura obrigatória pró vestibular, quando a literatura tem que ser apreciada, discutida, além de delimitar escolas, características, assim sendo, não seria mais uma aula de literatura, mas outra coisa.

² Em “De poesia e de poetas”, São Paulo: Brasiliense, 1991.

E, não basta o pouco tempo dado a Literatura, menor ainda é o contato com a poesia, talvez por ser um gênero de estética peculiar e que muitas vezes não são postos para os alunos de forma séria para se trabalhar suas várias instâncias e para isso é necessário ir até o centro para entender o fazer poético, normalmente nas aulas destinadas para a literatura a poesia vem em segundo plano após a prosa.

Entender a poesia como arte é presumir que esta expressa algo de vital ao homem, uma vez que esta é feita de valores essenciais para a existência humana, é um meio de descobrir o mundo para a humanidade, tirar o véu que torna a vista do homem opaca ao olhar para ele mesmo e para o mundo.

Aprender a ler e entender poesia amplia vocabulários e noções estéticas dos alunos-leitores, uma vez que “a poesia faz arranjos de significantes e de sentidos inusitados. Ao jogar com os sentidos das palavras, provoca múltiplos significantes e estimula o imaginário do leitor a participar desse jogo de interpretação.” (CADEMARTORI, 2010, p. 37)

As pessoas não conseguem visualizar a importância da poesia na sala de aula. Aham que é um saber desnecessário, a literatura é trabalhada como mero apêndice da Língua Portuguesa, no ensino médio há uma redução da literatura à história literária no ensino médio. O poeta aqui abordado, Leminski, diz sobre o fazer poético e seus desdobramentos:

“Construir estruturas, processos e recursos, inovadores, frustrativos às expectativas, aberturas, ciente de que mexer profundamente com os homens é mexer com os próprios fundamentos materiais em que se dá a comunicação. Indústria de base: na própria infra-estrutura sígnica. [...] Função fundadora, construtiva, inovadora, heurística, da consciência. [...] Quem não entende o caráter produtor de consciência, nunca compreenderá a arte de vanguarda. [...] O poema de invenção ou experimental não reflete. Ele é um novo objeto no mundo (um Primeiro). É crítica do mundo, pela linguagem, o que só consegue ser sendo também crítica da linguagem, onde se depositam os valores da cultura, os mitos e os ideogramas vigentes. (LEMINSKI *apud* MARQUES, 2001, p.67)

A poesia é encontrada nas horas de descuido, portanto com a prática de ler esse gênero o aluno-leitor aguça seu olhar, um dos primeiros fatores que temos que levar em consideração é o de que ler é um ato solitário, é sozinho que os alunos sentirão e chegarão ao coração do poema.

Sobre o poeta e poesia temos a fala de T. S. Eliot em *De poesia e de poetas*: “Ao expressar o que outros sentem, também ele está modificando seu sentimento ao torná-lo mais consciente; ele está tornando as pessoas mais conscientes daquilo que já sentem e, por conseguinte, ensinando-lhes algo sobre si próprias.”, onde percebemos uma das funções da poesia, o texto-poema é uma ponte de vivência do autor com o leitor, ambos vão se tornando mais conscientes ao lerem através de palavras e jogos metafóricos as experiências humanas, servindo assim como ensinamento por deleite verbal.

Sabemos que a poesia possui formas peculiares, ter e passar para os alunos-leitores noções sobre versificação, metrificacão, rimas, sons e ritmos, fatores ligadas a linguagem característica do poema é um fator básico. Poesia é a arte nutrida de palavras, por meio delas nasce um universo autônomo de dimensões diferentes, a poesia é abertura do ser-autor, onde este se inaugura através da linguagem. Percebemos que na poesia a palavra deixa de ser signo representacional para se tornar um sinal vocativo de aceno e apelo.

A linguagem estende a nossa visão e assim sendo um leitor que seja familiarizado com esta possuirá uma relação melhor com o mundo que vive, com a sua condição humana. Ao longo do tempo o homem sempre tentou traduzir por diversos meios seus sentimentos e emoções sentidos ao tentar se encontrar, se conhecer. “O falante só se relaciona ativamente com sua língua por meio de uma interação afetiva e intelectual com o sistema linguístico, em que língua e falante deixam de ser estáticos, para se redimensionarem por ação recíproca.” (CADEMARTORI, 2010, p. 73/74).

2. Caminho didático-pedagógico

Traçar um plano de sequências a serem seguido em sala de aula para o trabalho planejado da literatura é um dos primeiros alvos a serem visados pelos professores de Língua Portuguesa, uma vez que é normal trabalhar de forma aleatória com os textos literários, não sistematizando o aprendizado e tempo do aluno com o texto. Mas, o fato é que os professores necessitam de um tipo de letramento literário especial, pois eles acabam possuindo um conhecimento desproporcional aos benefícios que a literatura trás, sendo assim transmitido para os alunos apenas um pouco do prazer que há em se ler os diversos textos literários.

Arrogância, indiferença, ignorância e desconhecimento norteiam, como apontou Cosson, o universo dos professores de Língua Portuguesa [ou somente de Literatura] que não valorizam a poesia. Os professores são importantes e influenciam os alunos, eles devem então possuir certo hábito de leitura, e ter cuidado com a poesia, aproximar os alunos de forma planejada, pois como visto anteriormente a poesia é um gênero literário um pouco novo para a realidade escolar deles, realidade de vida não, uma vez que entramos em contato com a poesia sem no cotidiano sem querer, pois a poesia está em todo lugar, nos acotovelando, ela está na ótica que aplicamos sobre a realidade que nos cerca.

O professor deve possuir critérios estéticos e pedagógicos, e deve também levar em conta a competência de leitura que o leitor previsto alcançou para a partir daí preparar suas aulas, caminhar com cuidado e de maneira eficaz para que o ensino da literatura seja efetivado de forma coerente e que os alunos ultrapassem a margem para chegarem a ser leitores.

Um dos aspectos que costumamos ver é o de o próprio professor de Literatura não ter vontade de ler, de conhecer, de se envolver com a poesia, há uma grande falta de professores leitores de poesia.

Para entrarmos em determinada escola literária e selecionarmos algum autor temos que levar em conta algumas questões como: a contextualização teórica, histórica, estilística, poética, crítica e temática, só assim caminharemos bem dentro das características textuais de cada época e entraremos em contato com várias experiências, experiências com as palavras, com as formas, com as subjetividades trazidas no poema, etc.

Ter em mente que a literatura é uma arte relacional, em que autor, leitor, através do texto se relacionam se estimulam e interagem, havendo assim uma leitura produtiva, onde a troca de experiências, sentimentos e emoções serão mais fortes, desse modo iremos além do objeto lido, este chegará por fim a ser recriado.

alerta, não há um roteiro seguro de como se trabalhar a poesia um indicativo, uma possibilidade de realização.

O professor tem que estar atento ao universo de interesse dos alunos, visar uma assimilação significativa por parte do aluno, escolher poemas que serão facilmente apreciados, para assim conquistar o aluno-leitor, sobre a escolha da poesia, temos: “É evidente que vale a pena trabalhar a poesia na sala de aula, mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo. Carecemos de critérios estéticos na escolha da obra [...]” (PINHEIRO, 2002, p.18)

Ao recortar da história literária brasileira um poeta, o professor precisa ter o máximo de conhecimento possível sobre sua obra, selecionar alguma fase de seus escritos e mais ainda, determinada temática que perpassa algumas de suas poesias, desta forma as aulas de Literatura sobre poesia fica mais produtiva.

Nós sugerimos para a leitura de poesia em sala de aula a leitura silenciosa do poemas, sem paradas, para depois lê-lo em voz alta, lembramos que para a leitura oral do poema é preciso de um certo preparo, pois um leitura mal feita poderia acabar com a beleza e o intuito do poema; o segundo momento, o de leitura alta em sala é importante pois só assim não se pode passar por cima de uma frase ou de um verso mal compreendido com tanta facilidade, e também desta forma perceberemos a musicalidade que a poesia carrega. Depois destas leituras, por falta de tempo, um dos principais inimigos dos professores em sala de aula, partiremos para a discussão do poema, sabendo que este é de uma leitura inesgotável.

A didática aqui é uma invenção, uma experimentação dos professores, pois o modelo que logo abaixo será sugerido não é fixo e só o tempo em sala de aula dirá de acordo com as especificidades das turmas como se trabalhar a poesia em sala de aula, e, “uma sequência enfadonha de autores, características de estilos de época e figuras de linguagem, cujos nomes tão-somente devem ser decorados independentemente de qualquer contexto” fruto do pouco contato dos professores com o mundo da literatura e poesia, formular conhecimento e entusiasmo, paixão e sensibilidade para as realidades dos escritos literários é o grande salto qualitativo do educador da Literatura.

São dois tipos didáticos essenciais que os professores de Literatura devem conhecer, e que podem ser bem utilizados ao tratar de poesia, um é o método recepcional³, que consiste em cinco momentos: *determinação do horizonte de expectativa*, em que o professor utilizará algumas táticas e estratégias após conhecer e observar seus alunos, perceber qual o valor que

³ Método colocado Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini em “Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas”.

eles dão a literatura, etc.; *atendimento do horizonte de expectativa*, se dá na escolha de temas que satisfaçam as necessidades dos alunos os chamem atenção; *ruptura do horizonte de expectativa*, é a etapa de agitar a água parada da percepção de mundo dos alunos, tanto em referência á literatura quanto a vivência cultural; *questionamento do horizonte de expectativa*, ocorre a partir das análises e comparações feitas nas discussões em sala de aula, por isso esta etapa exige reflexão e por fim, *ampliação do horizonte de expectativa*, depois das inferências realizadas em torno da leitura a tomada de consciência acontece e o aluno passa a ser agente de sua aprendizagem.

O outro, a sequência básica proposta por Cosson, onde se divide em quatro momentos: o da *motivação*, em que consiste no fato de preparar o aluno para adentrar na poesia de forma lúdica, escolhendo uma temática que objetive estimular uma boa leitura; *introdução*, momento para apresentação do autor e obra selecionados para aula; *leitura*, esta possui alguns intervalos para mediação do professor e alunos com suas dúvidas sobre vocabulário do poema, este fator é importante, pois faz o aluno não desistir do próximo passo e abandonar o poema, a *interpretação*, que Cosson divide em duas, a interior e exterior, a primeira como decifração feita pelo indivíduo e a segunda para materialização, construção de sentidos em conjunto. É na interpretação exterior que a leitura na escola se diferenciará da feita aleatoriamente de forma independente, pois o professor será intermediário nos debates e levantamentos de sentidos dos poemas.

Após a resumida explanação do método recepcional, e da sequencia básica notamos que o trabalho com textos literários em sala de aula não pode acontecer de maneira despreparada, com textos escolhidos visando apenas os critérios do professor, na proposta aqui apresentada, aspiramos mostrar que existem meios para o desenvolvimento da leitura na escola para a vida, de maneira instigante e não obrigatória.

3. Chega-se à sala de aula: passeio pela poesia leminskiana

“Estamos sempre no perigo de sobrecarregar um poema com excesso de pensamento e assim impedir que o poético nos toque.” (HEIDEGGER 2008)

A linguagem de Paulo Leminski (1944/ † 1989), poeta curitibano dos anos 70, possui forte jogo sonoro, devido a musicalidade de seus poemas e para haver uma verdadeira experiência com seus poemas estes devem ser lidos em voz alta, sua linguagem soa como espécie de subversão do já estabelecido, Leminski possui certa aversão à padronização da forma de se fazer poesia. Ele abre as palavras em diversos sentidos e formas, alargando o lugar que estas poderiam ocupar, além disso sua palavra possui ritmo, melodia, formas sensórias e plásticas. Selecionou-se este poeta para apresentar aos alunos um poeta moderno-marginal brasileiro, que se aproxima do Concretismo e sua forma lúdica de produção poética.

Selecionamos seu livro *Caprichos&Relaxos* (1985) que é uma coletânea feita em 1983 que reúne poemas iniciais de Leminski dos livros: *Polonaises, Não fosse isso e era menos/não fosse tanto, Ideolágrimas, Sol-te, Contos Semióticos e Ivenções*; cuja apresentação da obra é feita por Caetano Veloso e diz:

“Esse livro de poemas é uma maravilha, porque os poemas do Leminski são muito sintéticos, muito concisos, muito rápidos, muito inspirados. Ele é um sujeito gozado. É um personagem muito único, no panorama da curtição de literatura no Brasil. Eu acho um barato. Leminski tem um clima/ mistura de concretismo com beatnik. Que é muito legal. “Verdura” é um sonho. É genial. É um haikai da formação cultural brasileira. Deve ser instigante para os poetas do Brasil o aparecimento desses novos poetas todos. Leminski é um dos mais incríveis que apareceram.”

Leminski pode ser considerado um poeta-síntese da década de 70, e motivos não faltam para abordarmos na sala de aula a sua poética, seus poemas são pequenos e instantâneos, o que não significa serem fáceis de ser compreendidos e interpretados, pois em poucos versos e palavras ele cria uma arena de metáforas e ambiguidades que fazem o aluno-leitor expandir seu horizonte vocabular. Sua poesia é veloz e precisa, talvez por possuir ligações fortes com as artes marciais e seus “golpes certos” e com a poesia japonesa que costuma sintetizar muito bem as coisas em símbolos verbais como os ideogramas. O haikai,

por exemplo, é uma das formas poéticas japonesas emprestadas do poeta Bashô que Leminski muito utilizou, seja seguindo sua forma ou recriando resultando em seus “haiquases”.

Os poetas desta determinada fase recebem a alcunha de “poetas marginas” ou “geração mimeógrafo” por não estarem ligados ao eixo intelectual da época, aos órgãos oficiais da literatura ou a uma editora, eles queriam uma obra contracultural independente das escolas e movimentos literários brasileiros, estes poetas acreditavam na liberdade da poesia e eram, portanto da esquerda literária, aqui torna-se importante abriremos um parênteses, embora Leminski tenha forte influência da poesia concreta dos seus amigos, os irmãos Campos e Décio Pignatari, mas “na verdade, ele não se submeteu a nenhuma escola, nem mesmo ao Concretismo” (VAZ apud IVAN, 2009, p. 91).

Como proposta para se trabalhar a poesia em sala de aula utilizaremos a partir da poética de Paulo Leminski um plano de sequência didática sobre a temática “eu no mundo”, visando alcançar os jovens do ensino médio, aqui o objetivo não aparecerá de uma sugestão para se usar a poesia/literatura como apenas veículo para trabalhar temas, uma vez que a linguagem realiza um des-velamento das significações do mundo, ela deixa que o ser seja a linguagem que é também onde o ser habita.⁴ Sabe-se que poesia não tem que estar a serviço ou possuir alguma causa, pois a poesia é exercício da liberdade, no sentido de fazer seu uso no intuito de atribuir aspectos moralizantes ou fechando a leitura de um poema de maneira unilateral, mostrando apenas um lado, um sentido, quando este é um tecido cheio de sentidos. Vejamos enfim seis poemas leminskianos e suas análises:

⁴ Esta noção é advinda de “*A origem da Obra de Arte*” de Martin Heidegger, que trata a poesia como desvelamento do ser e das coisas no mundo.

1.
contranarciso

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós
(p.10)

2.
Quem nasce com coração?
Coração tem que ser feito.
Já tenho uma porção
Me infernando o peito.

Com isso ninguém nasça.
Coração é coisa rara,
Coisa que a gente acha
E é melhor encher a cara.
(p. 16)

3.
tanta maravilha
maravilha durar
aqui neste lugar
onde nada dura
onde nada pára
para ser ventura
(p. 60)

4.
apagar-me
diluir-me
desmanchar-me
até que depois
de mim
de nós
de tudo
não reste mais
que o charme
(p. 64)

5.
a vida varia
o que valia menos
passa a valer mais
quando desvaria
(p. 78)

6.
relógio parado
o ouvido ouve
o tic tac passado
(p. 98)

Deixar que os alunos se expressem após a leitura do poema é essencial, para isso é de grande necessidade a criação de um espaço aberto para discussões em que estes se sintam confortáveis. Após traçar o “Caminho didático-pedagógico” no tópico 2 deste artigo, uma sequência didática que foque o objetivo da aula na prática, o professor ao preparar o material e entregar a todos da sala deixa que eles realizem uma primeira leitura em silêncio, pois é este o momento de encontro e estranhamento, ao ler o poema seus conhecimentos verbais/estéticos e de mundo vão sendo acionados e a segunda leitura será realizada em voz alta.

Na grande maioria das vezes os poemas de Leminski são escritos em letras minúsculas causando uma sensação de descaso do poeta com a forma, isso por fugir do padrão que é iniciar frases com letras maiúsculas, talvez por influência dos haikai o poeta consegue magistralmente sintetizar um pensamento uma imagem da vida em um poema, como o núcleo temático escolhido é o “eu no mundo” o 1º poema fala sobre a sua noção de vida em cadeia

onde todos formam um só, diferentemente de Narciso mítico o eu-lírico do texto quer acabar com a noção individualista do ser tão ocidental, possivelmente pelas noções advindas do oriente, por exemplo, do zen-budismo, filosofia seguida pelo poeta, que pensa no outro como reflexo de si, ou melhor, como constituição do seu eu, pois todas as coisas são um e como diz no último verso “mesmo que estejamos a sós”. Em seus poemas encontraremos assonâncias, aliterações, ecos, paranomásias e paralelismos, figuras de linguagem que constituem os recursos sonoros e semânticos de sua poesia.

O 2º poema é bem peculiar, pois é um dos poucos a possuir letras maiúsculas e rimas alternadas, a forma se mantém, portanto ligada à maneira erudita, problematiza a ideia de vir ao mundo com ou sem coração, havendo a possibilidade do ser ir aprendendo e juntando pedaços para formá-lo, aqui coração representado por metonímia, os sentimentos que formam um ser humano, como o amor por exemplo, no último verso “e é melhor encher a cara” ele mostra a coloquialidade que é característica sua misturar de modo equilibrado gírias e expressões sofisticadas. A liberdade de poder escrever à maneira que se fala era a alma de sua poesia. São “poemas curtos, sem títulos, apenas com numerações, todos formatados em caixa baixa e sem muita pontuação que ele considerava uma prática ‘paranasiana’” (VAZ, 2009, p. 79). Percebe-se o uso do humor em grande número de suas poesias, como se fosse um poema desesperado e ao mesmo tempo alegre.

Os outros quatro poemas selecionados para análise falam sobre a temporalidade do ser, reflete sobre a passagem das coisas; no poema 3º o poeta atenta para o fenômeno de passagem do tempo, um devir das coisas e das pessoas que não cessa de acontecer. No 4º ele mostra uma gradação de ações que o leva ao fim e este fim só traz o encanto do que o eu-lírico foi em vida. No 5º além de retratar o tempo ele menciona a fluidez de valoração das coisas e no 6º o autor de maneira lúdica escreve sobre o agora que é passado por o ponteiro do relógio marcar outras horas.

Nestes quatro últimos poemas percebemos “uma grande liberdade, que ora permite o uso da rima e da assonância, ora utiliza o verso branco e sem medida, ora monta o poema visualmente, tirando partido do espaço e da forma física das letras e palavras.” (FRANCHETTI, 2000), as palavras parecem ser revestidas de músicas, seu fascínio pelo poder de síntese da poesia japonesa, dos haicais é bem comprovado nestes poemas, percebemos que Leminski possui certo rigor concretista os quais relaciona com procedimentos da fala cotidiana mais ou menos relaxada, daí surge o nome Caprichos&Relaxos, no que se refere ao ritmo e sons das suas poesias notamos uma cadência coloquial e antilitérrica distanciando-se da academia, ele defendia uma valoração radical da

palavra, utilizando o método da “palavra-puxa-palavra”, fazendo experimentos com elas seja por uma semelhança fonética ou semântica, para Leminski, assim como Maiakovski, não bastava mudar o olhar e temática da poesia, mas sim alterar sua forma.

E como suporte literário deste autor tem-se alguns curtas-metragens bastante interessantes como o *Ervilha da Fantasia* (1985) e o *Polaco Loco Paca*, por exemplo, valendo a pena mostrar aos alunos, para assim ampliar com as imagens documentadas o mergulho e o universo no poeta.

4. Conclusões parciais

Como espaço para se fazer pensar sobre as dificuldades dos professores que na maioria das vezes dão aulas de Língua Portuguesa e não dispõem de leituras literárias e ajudas metodológicas que o auxiliem, este artigo possui o intuito de ajudar e encaminhar discussões acerca do ensino de poesia em sala de aula.

Se a prática da literatura consiste exatamente numa exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, ela diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos, e isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada, pois uma leitura literária nunca será a mesma: o leitor sempre terá algo a ressignificar. A leitura é inesgotável, há abertura para muitas leituras pela ambiguidade nos poemas, não há interpretação única, portanto tem-se que acabar com a forma mecânica de análise da poesia, uma vez que este gênero peculiar (possui certas sutilezas, particularidades, sentidos, extensão e profundidade) requer romper limites, que não sejamos reféns da tradição, explorando a sonoridade e ritmo e também a criação e recomposição das palavras, uma vez que a poesia é fruto da reinvenção e descoberta de estruturas sintáticas, o homem interage no mundo porque é capaz de lê-lo de diferentes formas e com fins e sentidos diversos.

A leitura na escola deve contemplar a formação do educando, estimulando-lhe a sensibilidade estética, a emoção, o sentimento, assegura-se que o texto literário tem muito a contribuir para o aprimoramento pessoal, para o autoconhecimento, sem falar do constante desvelamento do mundo e da grande possibilidade que a leitura de determinada obra oferece.

O ideal seria que o professor de Literatura participasse de projetos para discussões, troca de experiências com outros professores da mesma disciplina. Como meta principal das aulas de literatura seria o de transformar alunos refratários em alunos reflexivos, a literatura e poesia, naturalmente caminham para isto.

A escolha da poesia de Paulo Leminski mostra-se interessante para analisarmos a reelaboração do fazer poético brasileiro, que tenta acabar com o abismo existente entre o português escrito e falado. Espera-se que a contribuição dada se desdobre em outras reflexões.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 88-91. Acesso em: maio de 2012 < <http://revistaescola.abril.com.br/pdf/metodo-recepcional.pdf>>
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed. 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Leitor**. In: Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2012, p.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Ed. Contexto. 2006.
- LEMINSKI, Paulo. **Caprichos&Relaxos**. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2002.
- PINHEIRO, Hélder. **Literatura nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. In.: Anais do 1º Seminário de Estudos de Teoria Literária - Linguagem e Educação (Currais Novos, RN). São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- STOPA, Rafaela; BOBERG, Hiudéa Tempesta Rodrigues. **Análise de propostas metodológicas para o ensino de literatura**. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 832-839.
- VAZ, Toninho. **Paulo Leminski – O bandido que sabia latim**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.